



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

CELINE DYON SILVA E SILVA

CHARLES BAUDELAIRE E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

SÃO BERNARDO-MA

2022

CELINE DYON SILVA E SILVA

CHARLES BAUDELAIRE E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado(a) em licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandêilson Silva de Miranda

SÃO BERNARDO-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva e Silva, Celine Dyon.

CHARLES BAUDELAIRE E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE /
Celine Dyon Silva e Silva. - 2022.
43 f.

Orientador(a): Wandêilson Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade
Federal do Maranhão, São Bernardo, 2022.

1. Baudelaire. 2. Beleza. 3. Moda. 4. Modernidade.
5. Poesia. I. Silva de Miranda, Wandêilson. II. Título.

CELINE DYON SILVA E SILVA

CHARLES BAUDELAIRE E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº. Wandêilson Silva de Miranda (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Drª. Alina Silva Sousa de Miranda
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.Drº. Ubiratane de Moraes Rodrigues
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Dedico essa monografia à Deus meu maior e melhor orientador, a minha família em especial minha mãe adotiva Maria Neura, meu avô\pai Francisco e a minha tia Raimunda que foram os pilares na minha formação como ser humano e ao meu namorado cuja presença e compreensão afetou positivamente minha vida.

AGRADECIMENTOS

Entre tantos “nãos” que presenciei em minha vida, a finalização dessa pesquisa é um sim, que representa que todo o esforço e dedicação quando se quer algo de verdade vale a pena, é por isso que expresso imensa gratidão ao meu Deus, por me permitir chegar até aqui.

À minha mãe adotiva pelas noites mal dormidas, e suas orações pelo meu bem-estar durante os anos que estive distante na graduação, sem contar nas suas várias abdições para que nunca me faltasse nada durante toda minha vida, seu carinho e proteção fizeram toda diferença.

Ao meu avô que não mediu esforços para que eu continuasse a busca dos meus sonhos, seu apoio e sabedoria me deram forças para prosseguir.

À minha tia Raimunda, que compartilhou comigo desde muito cedo sua sede pelo conhecimento e me incentivou a cultivar esse mesmo sentimento.

À minha família por acreditar nos meus objetivos e enxergarem potencial em mim, em especial minha madrinha que garantiu momentos de lazer em meio aos estresses da vida acadêmica.

Ao meu namorado Lucas que chegou durante meu processo de escrita, mas me incentivou nos momentos difíceis e compreendeu a minha ausência enquanto me dedicava à realização desse trabalho.

Ao professor Paulo Costa e suas aulas incríveis de português no terceiro ano, sem contar na sua ajuda durante o processo de ingresso no ensino superior.

A Universidade Federal do Maranhão, que foi essencial no meu processo de formação profissional, principalmente, pelas oportunidades ofertadas, pela atenção e por todo conhecimento apreendido no decorrer da minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, professor Dr. Wandelson Silva de Miranda, e suas aulas inspiradoras de filosofia, que me instigou desde o primeiro contato, e me fez querer realizar um estudo aprofundado sobre a temática, este que apesar das minhas ansiedades e receios conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

Aos meus Amigos da Faculdade e Vida, por compartilharem comigo tantos momentos de aventuras e aprendizados e por todo companheirismo ao longo desde percurso.

Às pessoas com quem convivi e dividi aluguel ao longo desses anos, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica, em particular a minhas amigas Vanderléia, Leyane Lara, Andressa e Juliana.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, que contribuíram para minha formação e estimularam a ampliação do conhecimento.

E por fim, a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho monográfico, e da minha trajetória acadêmica minha mais sincera gratidão.

“O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente. O prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente. [...]”

(BAUDELAIRE, C)

RESUMO

O que é a modernidade? O termo aparentemente parece se autoexplicar, no entanto, quando procuramos especificar seu significado percebemos que não há um conceito preciso para designar o que é a modernidade. Embora, na virada dos séculos XIX e XX, considerado um curto período, tenha sido o cenário de infinitas manifestações do novo, e com isso, gerando uma espécie de experiência subjetiva e de uma descontinuidade no tempo, em outras palavras uma ruptura abrupta da tradição clássica, e a valorização de um *ethos* moderno. Com a aparição de inúmeros elementos que refletiam aspectos de novidade, a exemplo da moda que representa o signo mais puro de expressão social de uma época, estabelecia-se a necessidade de uma consciência crítica perante todo esse movimento, e só um perfeito *flaunêr* poderia exercer essa função de observar os traços mais marcantes da contemporaneidade. Desse modo, o presente texto aborda a relação do indivíduo com a ampla heterogeneidade que compõe a modernidade em sua multiplicidade de significados. Para entendermos esse processo acompanhamos a arte e as reflexões do poeta e ensaísta Charles Baudelaire, que enxergou uma homogeneidade graciosa em todo esse movimento, enlaçando em sua obra todas essas questões e transformando-as em poesia, e para retratar seu objeto central, que é o presente e a cidade de Paris do século XX, emprega alegorias da morte, destruição e degeneração, elaborando, desta forma, os aspectos para a construção da cultura moderna.

Palavras-Chaves: Baudelaire. Beleza. Moda. Modernidade. Poesia.

ABSTRACT

What is modernity? The term apparently seems to be self-explanatory, however, when we try to specify its meaning, we realize that there is no precise concept to designate what modernity is. Although, at the turn of the 19th and 20th centuries, considered a short period, it was the scene of infinite manifestations of the new, and with that, generating a kind of subjective experience and a discontinuity in time, in other words an abrupt rupture of tradition classical, and the valorization of a modern *ethos*. With the appearance of countless elements that reflected aspects of novelty, such as fashion, which represents the purest sign of social expression of an era, the need for a critical conscience was established in the face of all this movement, and only a perfect *flaunêr* could exercise this function of observing the most striking features of contemporaneity. In this way, the present text approaches the individual's relationship with the wide heterogeneity that makes up modernity in its multiplicity of meanings. In order to understand this process, we follow the art and reflections of the poet and essayist Charles Baudelaire, who saw a graceful homogeneity in this whole movement, linking all these issues in his work and transforming them into poetry, and to portray his central object, which is the present and the city of Paris in the 20th century, employs allegories of death, destruction and degeneration, thus elaborating aspects for the construction of modern culture.

Keywords: Baudelaire. Beauty. Fashion. Modernity. Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A MODERNIDADE: abandono do cânon clássico e o surgimento do pensamento moderno	14
1.1 Baudelaire o poeta da modernidade	177
1.2 O Afloramento de uma Poesia Moderna	22
2 O SENTIDO DE BELO E A NOVA MENSAGEM SOBRE A BELEZA	26
2.1 A moda: o verdadeiro espírito contemporâneo.....	31
2.2 Modismos: os estereótipos.....	34
2.3 Sedução: a construção da cultura moderna.....	36
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A presente monografia trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter teórico, que por meio de suas várias reflexões a respeito do singular movimento conhecido como a modernidade, busca expressar a trajetória de um poeta ensaísta chamado Charles Baudelaire (1821-1867), que diferente de seus contemporâneos, identificou nesse período, a complexa relação do indivíduo com a ampla heterogeneidade e multiplicidade de sentidos proporcionado nessa nova era, onde se constituía uma sociedade aversa às possibilidades da vida moderna, ou seja, os indivíduos permaneciam alheios aos processos criativos, pois essa modernidade era ambígua, por um lado os velhos valores permaneciam enfronhados na sociedade burguesa, e por outro lado, surgia uma nova arte, novas tecnologias, novos valores. De certa forma, a modernidade caracteriza por essa experiência de enfrentamento do velho e do novo, de modos mais contundentes e destrutivos que nas épocas anteriores, os indivíduos embora vagassem pelo fenômeno da “multidão” do século XIX ainda assim não conseguiam enxergar essa ambiguidade.

Partindo dessa perspectiva, Baudelaire diferente de muitos, notou que o período em que viviam, frações de tempo parecia condensar anos, que impulsionavam profundas rupturas não só no meio social mais também na concepção do indivíduo, e tomou para si, a responsabilidade individual e frente ao seu tempo, de não aceitação incondicional dos aspectos de uma época, esse posicionamento significou antes de qualquer coisa, assumir uma atitude em relação ao movimento, mostrando a magnitude, e os pontos extraordinários existentes nela.

Desse modo, esse trabalho objetiva expor as ideias desse poeta, percorrendo os pontos cruciais de suas obras, principalmente, a sensibilidade admirável ao representar sua época em meio ao turbilhão de novidades, destacando os impactos desse movimento, no seio social, e as formas de expressão dessa heterogeneidade em relação com a homogeneidade, a exemplo, a moda e o modismo que estimula um interesse especial ao se vestir, e seu estudo é capaz de apresentar informações que ultrapassam, e muito, sua função de cobrir e proteger o corpo, esse detalhe não muito percebido, influencia principalmente na construção da cultura moderna.

Esses fenômenos por sua vez, trazem consigo, um caráter desconstrutor/construtor, no sentido que ao passo que rompem com a tradição, também abrem novas perspectivas e inúmeras possibilidades de criação nos mais

diferentes domínios da ação humana, abarcando a noção de liberdade, termo favorito para essas novas produções.

Desse modo, propõe-se, a partir da análise de algumas obras como *as flores do Mal*, *Sobre A Modernidade* e também *O Spleen De Paris*, uma discussão sobre os elementos fundamentais para a criação dessa poesia moderna. Mediante a complexidade dessas obras esta monografia apresenta também alguns comentários de autores que se debruçaram sobre essa temática, como por exemplo, sociólogo Krishan Kumar, o filósofo Marshall Berman, o filósofo Gilles Lipovetsky e por fim o historiador Peter Gay que argumentam várias vertentes sobre o poeta e concordam ao afirmarem que Baudelaire foi e continua sendo um grande artista/pensador e pode sem dúvida ser considerado o pioneiro ao perceber o fenômeno da modernidade.

Diante disso, esse trabalho é dividido em dois capítulos: o primeiro que é composto de três tópicos, que buscam sinalizar as obras de Charles Baudelaire como as primeiras tentativas de ruptura com os cânones da estética clássica, e ainda enfatiza a irreverência do poeta em relação a cultura europeia estagnada, e por fim, da ênfase a personalidade inventiva do poeta e o afloramento da poesia moderna. O segundo capítulo é dividido em três tópicos, tendo em vista, expressar o ponto chave da construção da cultura moderna, nos quais abordam questionamentos a noção do belo ideal contrapondo ao status estético da época que abriu caminhos para o que passou a ser conhecido como arte moderna, e a discussão sobre o fenômeno da moda e o modismo e suas vertentes, que se apresenta como o verdadeiro espírito contemporâneo, finalizamos esse capítulo que apresenta a sedução como artifício fundamental da moda, no qual se difere e muito dos estereótipos fúteis aos quais são banalizados, sendo a representação visual do presente.

1 A MODERNIDADE: abandono do cânon clássico e o surgimento do pensamento moderno

Krishan Kumar (1997) em seu trabalho a respeito das novas teorias do mundo contemporâneo, diz que a modernidade se entende por uma designação abrangente de todas as mudanças (intelectuais, sociais e políticas) que criaram o mundo moderno. O termo *Modernus* por sua vez é derivado de *modo* (“Recentemente”, “há pouco”), uma palavra de formação tardia na língua latina, já a palavra modernidade, por conseguinte é uma invenção da Idade Média Cristã, período em que existiu uma ruptura entre o mundo Antigo pagão e o moderno cristianizado. Nesse raciocínio o termo *Modernus*, *Novus* e palavras derivadas tinham significados depreciativos e não temporais, e que só foram mencionados por volta do fim do século V d.C., Kumar explica esses pontos na seguinte citação:

A modernidade, por conseguinte, é uma invenção da Idade Média Cristã. Esse fato deveria, em princípio, ter estabelecido um contraste tão nítido quando fosse possível imaginar com o mundo antigo. O mundo antigo era pagão, o moderno, cristão. Isto é, o primeiro estivera envolvido em trevas, o último fora transformado pelo aparecimento de Deus entre os homens sob a forma de seu filho, Jesus Cristo. Com Cristo, todo o significado da história humana foi alterado, ou melhor, deveríamos dizer, pela primeira vez atribuiu um significado à história (KUMAR, 1995; p.106-107).

Com tal explicação podemos entender como essa ruptura possibilitou a constituição da ideia de um passado, presente e futuro em uma sequência compreensível. Segundo Kumar, por sua vez o Cristianismo abriu margem para a ruptura com a visão cíclica do mundo antigo, havia uma ideia de mudança, mas não novidade, apenas o abandono do ideal naturalista.

Muito embora, seja importante enfatizar a carga positiva dessa interferência na visão de muitos estudiosos sobre a história, que fez gerar as muitas ambiguidades sobre a ideia de progresso no início do período Renascentista, principalmente pela significação do termo *moderni*, que se referia ao homem do nosso tempo, este “homem” em questão, não possuía a figura do ideal, esse era carregado de pecados, e cheio de imperfeições, desse modo, não merecia o jubilo, como os heróis da antiguidade.

Destarte, o quadro de depreciação perdurou por muito mais tempo, a Renascença, por si só, tornou-se o marco dessa admiração à antiguidade clássica, e que por isso, não poupou referências a saudosa era de ouro do conhecimento, utilizando escritos de pensadores como Platão, Aristóteles, Virgílio, Cícero *etc.*

muitos desses livros ainda na língua árabe, herança deixada pela Idade Média. Os artistas e escritores Renascentistas focavam no resgate desses saberes, embora estivessem fadados em construir um futuro, concebido em grande parte em função de um passado, baseando-se na recuperação e imitação de algo eterno, por esse motivo os estudiosos passaram a menosprezar qualquer esforço para criações novas e impossibilitando ideais modernos.

Não é, portanto, na Renascença que devemos procurar as origens da modernidade, como viemos a entendê-la. De forma paradoxal, foi a própria inclinação secular do pensamento histórico da Renascença que a impediu de conceber seu próprio tempo como ligado, de uma forma radicalmente nova, ao futuro. Seu secularismo, ligado à concepção de ciclos dos admirados modelos clássicos, virou o rosto para trás, para o passado. Na medida em que se interessou pela ideia cristã da história, agarrou-se à opinião agostiniana de que o mundo envelhecera e estava em um estado de decadência terminal (Nisbet 1970: 97-103). Era improvável que essa orientação levasse o indivíduo a sentir muito interesse pelo futuro, pelo menos pelo futuro terreno. O pensamento ocidental teve que desenvolver um interesse diferente pela filosofia cristã da história antes de poder dar à modernidade outro significado que não o das atividades secundárias, medíocres do *moderni*. (KUMAR, 1995, p.113-114).

É nítido o interesse que os estudiosos desse período enxergavam na sabedoria pagã, a exaltando como conhecimento digno de autoridade, embora as teorias novas fossem mal-vistas pelos estudiosos da época, ainda sim algo fez germinar a vontade do novo, incentivados por autores como Francis Bacon em seus trabalhos *Advancement of Learning* (1605), e *Novum organum* (1620) e Descartes em sua obra *Discurso do método* (1637) e que iniciaram questionamentos a dicotomia entre os “Antigos” e os “Modernos”. Kumar, em seu trabalho aborda como se deu o surgimento da ideia moderna de modernidade, e como aconteceu o processo de transição e abandono do sentido pejorativo desse conceito afirmando que:

Mas há um sentido no qual, indiretamente pelo menos, a Renascença de fato contribuiu para nosso conceito de modernidade. O próprio vigor e vitalidade da Renascença deram aos europeus uma nova confiança em sua capacidade de, pelo menos, emular os antigos, se não ultrapassá-los. Mas importante que tudo, a Renascença, em seu ataque à autoridade dos pensadores medievais e à igreja medieval, formulou novos padrões críticos e racionais que poderiam ser usados contra todas as formas de autoridade intelectual- a dos antigos incluída. E foi isso o que aconteceu no final do século XVII (KUMAR, 1995, p.115).

Mediante toda essa luta entre o conhecimento clássico e as novas teorias modernas, apenas no século XVII, foi-se introduzidos pensamentos que pudessem superar o cânon clássico, através de uma série de autores revolucionários. Estes que alegavam que somente os modernos e que poderiam ser considerados os mais

“antigos” do mundo, pois estes modernos tiveram benefícios maiores com a história, tendo acesso a essas teorias clássicas e conseguindo colocá-las em prática, abrindo caminho um conceito plenamente desenvolvido de modernidade, esse conhecimento historiográfico tornou-se capaz ir muito além de seus predecessores. No entanto, a ideia de modernidade uma vez formulada, enfrentou uma complexa reação nos fins do século XIX, pois surgia um conflito interno no que seria a alma da modernidade, está que se dividia entre seu caráter de projeto social e político e como um conceito estético.

Todas essas opiniões se combinaram no ataque aos antigos na “discussão entre antigos e modernos”, em fins do século XVII. Tomando de empréstimo uma figura de retórica originalmente cunhada por Agostinho (embora em um espírito muito diferente), a história da humanidade coletiva era comparada ao desenvolvimento de um único indivíduo, crescendo da infância até a idade adulta e aumentando em sabedoria e maturidade com o passar dos anos. Nas obras de muitos escritores, em especial dos franceses Pascal, Perrault, Fontenelle e do abade St. Pierre, a velhíssima tirania dos autores antigos foi desafiada e derrubada. Os modernos não eram simplesmente os equivalentes dos antigos, em virtude da educação progressiva da raça durante seu desenvolvimento desde os tempos antigos, os pensadores modernos eram capazes de ir muito além de seus predecessores. Além disso, Fontenelle acrescentou um pensamento adicional à famosa defesa dos tempos modernos por Bacon. Ao contrário do homem individual, o homem coletivo [...] (KUMAR, 1995, p.116).

Kumar (1995, p.116), fala que apesar dessa iniciativa, ainda sim “era rara essa afirmação de fé no futuro. Muito mais comum era a cresça em que, quaisquer que fossem as realizações dos modernos, estas não os isentavam da tendência geral do mundo para a decadência”, essa visão de tempo e historicidade, foi refutada de forma gradual na segunda metade do século XVII, o que possibilitou enveredar caminhos para o novo conceito de modernidade.

O século XVIII não trouxe apenas a Cidade Celestial para a terra. Secularizou o conceito cristão de tempo e transformou-o em uma filosofia dinâmica da história. As divisões, então convencionais, de Antiga, Medieval e Moderna foram elevadas à categoria de “estágios” da história mundial e estes, por sua vez, aplicados a um modelo evolucionário da humanidade, que concedeu especial urgência e importância ao estágio mais recente, o moderno os tempos modernos finalmente ganhavam vida. Não eram mais considerados simples cópias inferiores de tempos mais antigos, mais gloriosos; nem, também, apenas o último estágio de uma existência empobrecida que, ainda bem, acabaria com a história humana sobre a terra. Ao contrário, modernidade significava rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novos. E significava também o ingresso em um tempo futuro expandido de forma infinita, um tempo para progressos sem precedentes na evolução da humanidade. *Nostrum aevum*, nossa era, transformou-se em *nova aetas*, a nova era. (KUMAR, 1995, p.118).

Esse novo mundo, deu a modernidade um status messiânico, ou seja, a modernidade em uma nova roupagem tornou-se um conceito aberto, implicando a ideia de continuação ininterrupta de novas coisas, caracterizado pela rejeição do passado como exemplo de inspiração. Com a chegada do século XIX o conceito antigo de fato ficou para trás, já que se criou uma cisão entre um mundo marcado pela ciência, a razão, o progresso e o industrialismo baseado na padronização, enquanto o outro que sofre a refutação e rejeição apaixonadas dos mesmos, em favor de um sentimento que prioriza a intuição e o uso livre da imaginação.

Por isso, era necessário à consciência da vida contemporânea, a construção de teorias, costumes e crenças que pudessem proporcionar prazer aqueles que vivem o presente, para que eles se enxergassem dentro dessa nova realidade, em principalmente a uma concepção de coletivo. Diante disso, eis que surge Baudelaire com o primeiro esforço de entender e explicar o processo conhecido como a Modernidade.

Visto que, este estava inserido em um período em que as academias possuíam ainda um peso fortemente canônico, principalmente no direcionamento das criações artísticas, o que muitas vezes revoltava o poeta. Em resposta a essas mediocridades, buscou referências em seus contemporâneos, muitos deles seus próprios amigos a exemplo do escultor Ernest Christophe, e o poeta e dramaturgo Victor Hugo os quais admirava e se correspondia, Baudelaire em suas obras tecer críticas ferozes a esses ditos “mestres” da arte, que prescrevem as normas a serem seguidas pelo aluno-artista, como se eles fossem os únicos detentores do saber verdadeiro sobre as artes, Segundo Marshall Berman (1983) “Baudelaire, que fez mais do que ninguém no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmos enquanto modernos” (p.129). Contudo, Charles Baudelaire tornou-se um poeta irreverente ao preocupar-se em produzir obras que abordaram o fenômeno da modernidade em todas as suas variadas facetas, renovando a poesia, colocando traços profundamente autênticos e indispensáveis para se compreender esse novo mundo moderno.

1.1 Baudelaire o poeta da modernidade

Não é exagero mencionar que Charles Baudelaire é um dos mais importantes poetas que o país da França já conheceu, este que nasceu em berço parisiense, com os privilégios de uma família abastarda filho único e adorado por sua mãe, Baudelaire desfrutou de uma vida boêmia, gastando descontroladamente a herança de seu pai já falecido Joseph Baudelaire.

Entretanto, como nem tudo são flores, com a chegada da maioridade e o modo exuberante no qual levava a vida, o novo matrimônio de sua mãe deu fim ao seu jardim do Éden, e logo as dificuldades financeiras assolaram sua trajetória. Muito embora, sua rebeldia e aversão à moral e os bons costumes da época, seja explicado pelo não contentamento com o novo cônjuge de sua mãe Caroline Baudelaire, está que se casou com um importante Tenente-coronel Jacques Aupik que passou a administrar as finanças da Família.

Sua trajetória estudantil não foi uma das melhores, pois sempre estava envolvido em problemas, embora antes dos trinta já houvesse descoberto seu talento para a poesia. Seus problemas acadêmicos não o impediram de construir uma obra de grande envergadura ainda que não muito volumosa, foi percurso da poesia simbolista francesa, ou seja, do impressionismo na literatura, incorporou a teoria de que a imaginação é a faculdade essencial do artista, pois o verdadeiro artista deve criar a realidade segundo um novo enfoque, e que só a imagem revela a profundidade das coisas. Em sua vida atuou como tradutor, poeta, crítico de arte e literato, apesar de ser considerado por muitos como o primeiro poeta moderno, cujo marco inicial ao movimento literário teve-se com a publicação de *As Flores do Mal*¹, em 1857. Que serviu de forma crucial para o desenvolvimento do conceito de modernidade. Porém a mudança levou tempo, a ascensão de Baudelaire ao cânone literário foi estritamente póstuma, este que morreu em 1867, aos 46 anos, nas décadas seguintes foi conseguindo um enorme cortejo de seguidores, seguido de inúmeras traduções, fazendo uma carreira internacional.

Já dizia Peter Gay (2009, p. 49) em seu livro que “Não há poeta, pintor ou compositor que possa reivindicar com segurança a paternidade do modernismo. Mas o candidato mais plausível a esse papel é Charles Baudelaire”. Gay retrata o cenário

¹Obra de Charles Baudelaire, publicada pela primeira vez, em 1857, composta por 100 poemas, dentre os quais devido o conteúdo agressivo a moral pública, foi censurado seis poemas, sendo ele – Lesbos, As joias, O leste, A que está sempre alegre, Mulheres condenadas e As Metamorfoses do Vampiro –, que após o julgamento foram retirados do livro.

de todas essas mudanças ocorridas na Paris do jovem Baudelaire, e a Paris de Baudelaire o escritor da obra *As Flores do mal*, ao dizer:

Baudelaire nasceu em 1821, de família próspera e bem relacionada. Era uma França muito diferente da nação, onde, ainda jovem, ele ganharia notoriedade como dândi, boêmio e poeta de ousadia impressionante. A menos de trinta anos, já tinha vivido, como o resto do país, sob duas monarquias. A dinastia Bourbon, restaurada após a derrota final de Napoleão em 1815, empenhou-se em recriar o Antigo Regime clerical como se a revolução Francesa nunca tivesse ocorrido. Foi um redondo fracasso. Em 1830, depois que o descontentamento gerou outra revolução, subiu ao trono Luís Felipe, príncipe de Orléans engalanado com o enganoso epíteto de rei “burguês” - na verdade, suas ideias tinham muito pouco de classe média. Sua plataforma era a adesão explícita a políticas moderadas. Cognominou-se “Rei dos Franceses” em vez de “Rei da França”. Aboliu a censura. Garantiu a liberdade de imprensa. Mas a garantia não durou nem cinco anos em uma dinastia que se manteve apenas por dezoito. Após mais uma mudança de regime, com a revolução de fevereiro de 1848, a França fez a rápida experiência de uma Segunda República. Em dezembro do mesmo ano, Luís Bonaparte, o sobrinho esperto e traiçoeiro de um tio melhor do que ele assumiu a presidência. Sua traição do Regime que jurara defender era apenas uma questão de tempo (GAY, 2009, p.50).

Nascido em Paris, onde os fluxos das modernizações agiam com mais intensidade, e com a revolução de 1851, Baudelaire debruçasse ao espírito republicano, o que durou pouco tempo, logo o então presidente Luís Napoleão declarou-se imperador, dando fim às empreitadas republicanas e tornando-se Napoleão III, com isso levando Baudelaire aposentar seu ativismo político, apesar de que em sua trajetória literária ilustra uma linha tênue entre as questões poéticas e políticas. E válido mencionar que o governo imperial condenou o seu livro *flores do mal*, fazendo com que ocupasse o banco dos réus por blasfêmia e obscenidade, não sendo intenção da obra, mas que devido ao regime autoritário feria os limites morais estabelecidos a uma boa literatura da época.

Baudelaire foi a julgamento, na época o promotor Ernest Pinard ² encarregado do caso, apelou para a corte que não seria de “bom tom” censurar uma obra literária, seja ela qual for, mas alegando que a obra em questão apresentava poemas que deveriam ser retirados por seu conteúdo libertino. No fim a corte sentenciou uma multa de trezentos francos e decretou que os versos lascivos deveriam ser retirados das edições futuras, depois desses episódios que ganharam grande repercussão,

² Pierre Ernest Pinard, nasceu em Autun, Saône-et-Loire, em 10 de outubro de 1822. Seu pai em vida trabalhava no judiciário, embora não tenha visto seu filho ingressar na carreira do direito, bom acadêmico e logo ingressou no judiciário. Em 30 de outubro de 1853 foi nomeado procurador adjunto do Tribunal do Sena em Paris, onde mostrou uma incrível habilidade como orador, ficando conhecido pelos julgamentos de, *As Flores do Mal* de Baudelaire e *Madame Bovary* de Gustave Flaubert.

Baudelaire passou a ser intitulado como o poeta maldito. Desse modo, todo esse impacto gerado por alguns poemas reflete o fenômeno do moderno, que fez o poeta sentir na pele a representação de uma sociedade avançada mais aflita, a beira de um colapso, e o julgamento pode trazer consigo uma simbólica divergência radical da ânsia expressão do novo contra os ideais sociais dominantes.

Baudelaire em seus poemas, diz que os ares parisienses já não eram os mesmos, principalmente pela dicotomia urbana que envolvia a cidade, na qual se dividia entre os resquícios do passado e a extravagância do presente que por sua vez abria as portas para o esplendor e a beleza que viria a ser o futuro. Com isso, podemos entender a importância das obras desse para a modernidade, pois ele conseguiu captar a beleza em uma era, que todos só enxergavam fraquezas e desespero, tornando bela e fazendo brilhar a alma da cidade moderna que estava veemente, dando a sentimento e graciosidade e ao mesmo tempo revelando as aspirações interiores que se apresentavam naquele momento.

Assim, o modernismo de Baudelaire incluía acima de tudo 'o efêmero, o fugidio, o contingente' que melhor podia ser visto em perambulações pelas ruas fervilhantes da metrópole. Apenas o *flâneur* atento, apenas o "observador apaixonado" que "toma residência o coração da multidão" pode lhe fazer justiça (GAY, 2009, p.54).

Marshall Bermam (1981), em sua obra afirma as características de Baudelaire sobre os aspectos da modernidade, este que se destaca por todas as suas contraditórias atitudes críticas em relação o que é moderno, e pela forma como ele analisa a interação da sociedade com essas novas configurações. Bermam (1981, p. 131) descreve da seguinte maneira:

O primeiro imperativo categórico do modernismo de Baudelaire é orientar-nos na direção das forças primárias da vida moderna; mas Baudelaire não deixa bem claro em que consistem essas forças, nem o que viria a ser nossa postura diante delas. Contudo se percorremos sua obra, veremos que ela contém várias visões distintas da modernidade. Essas visões parecem opor-se violentamente umas às outras, e Baudelaire nem sempre parece estar ciente das tensões entre elas. Mas do que isso, ele sempre as apresenta com verve e brilho e quase sempre as elabora com grande originalidade e profundidade.

Charles Baudelaire tornou-se um poeta irreverente ao preocupar-se em produzir obras que abordaram o fenômeno da modernidade em todas as suas facetas, analisando um período marcado por muitas mudanças que ocorriam de maneira acelerada e modificavam as paisagens, as interações sociais que interferiram nas concepções morais da época. Embora tais concepções fossem

mascaradas pelo falso uso dos costumes e as tradições burguesas, Baudelaire dedicou a observar a intensa transformação do indivíduo nessa nova sociedade, que abandonava aos poucos o natural pelas belas formas da artificialidade.

A respeito dessas novas paisagens, Baudelaire faz várias críticas aos pintores paisagistas da época, porque para ele, conhecido como o poeta do *Flâneur*³, a paisagem não são campos, ervas e árvores, mas, principalmente, as ruínas e, com tom melancólico, as inspirações para ele devem surgir também da artificialidade dos dioramas, pois estes, pelo menos, sabem expressar a ilusão útil de contemplar cenários de teatro. O que precisamente é ostensivamente artificial, por não ter qualquer pretensão de se aproximar da natureza nem de parecer verdadeiro, mas que, por si só, provoca impacto ao público, pois é objetivo ao representar a verdadeira essência de seus espectadores.

Tenho diante dos olhos uma série de gravuras de modas que começam na Revolução e terminam aproximadamente no Consulado. Esses trajes que provocam o riso de muitas pessoas insensatas, essas pessoas sérias sem verdadeira seriedade apresentam um fascínio de uma dupla natureza, ou seja, artístico e histórico. Eles quase sempre são belos e desenhados com elegância, mas o que me importa, pelo menos em idêntica medida, e o que me apraz encontrar em todos ou em quase todos, é a moral e a estética da época (BAUDELAIRE, 1996, p. 08-09).

Por esse motivo o poeta, possuía uma íntima atração pelas *pinturas Constantin Guys*, o nomeando o pintor da vida moderna, pois esse representava em suas telas a crua realidade do século XIX francês, em sua fugacidade nas pinceladas, nos traços rápidos que davam a impressão de movimento, a luxúria das vestimentas, apresentava uma nova estética que era estonteante aos olhos de Baudelaire, embora Guys nunca tivera recebido esse título de seus contemporâneos no meio artístico, sendo apenas visto como Artista jornalista, mas que ainda sim considerado um marco de sua geração, na questão a respeito da modernidade. A grande admiração de Baudelaire ao artista, fez com que Guys realizasse uma exposição *Intitulada Constantin Guys-Fleurs du mal*, mencionada muitas vezes em suas obras.

³ **Flâneur** vem do substantivo francês *Flâneur*, significa “errante”, “vadio”, “caminhante”. Enfim, para se entender esse termo, é preciso enxergá-lo como a figura de um prisma, decompondo um espectro em outras formas, que no fim cria uma totalidade, ele representa a figura central na reflexão sobre a cidade moderna.

Enveredando por essas questões, Baudelaire aborda que o entretencimento entre a noção de liberdade e imaginação deve-se à própria exigência da arte, uma vez que, sem imaginação não há criação e, por sua vez a criação que segue os parâmetros da imaginação requer que o artista não dependa de normas pré-estabelecidas de uma estética canônica. Dando início a uma nova concepção, abandonando a ideia de belo absoluto e incluindo a beleza, enquanto subjetivo e enfatizando artificialidade.

Tendo em vista todos esses aspectos, obras como *As Flores Do Mal*, *Sobre A Modernidade* e *Le Spleen De Paris*, textos importantes para esse autor, mostra um pouco da trajetória de Charles Baudelaire, e que usou de seus trabalhos, até então não requisitados para fazer suas interações “políticas” e ao mesmo tempo torná-las poéticas, trazendo uma nova forma de ver o mundo e com isso possibilitar o afloramento de uma poesia moderna.

1.20 Afloramento de uma Poesia Moderna

Baudelaire em suas obras analisou toda esfera moderna, muitas vezes fazendo críticas às mediocridades que cercavam o fenômeno, em especial no livro *As Flores do Mal* (2012), que aborda com maestria muitas de suas críticas principalmente pela violência temática de seus poemas, além das críticas, nosso autor identificou nesse processo uma beleza nunca antes vista, e por meio de sua poesia descreveu em detalhes a magnitude dessa nova era, e ainda exaltou as novas figuras que surgiam dessa intensa modernização social, como por exemplo, as mulheres que deixavam o anonimato, e passavam a ocupar cargos extradomésticos, os operários marginalizados, e as multidões da metrópole.

Sobretudo nessa nova poesia, não há termos proibidos ou nobres, a arte produzida nos textos desse escritor francês é incisiva, mordaz, trás quadros macabros, além de evocações eróticas, satânicas, exóticas, nostálgicas e até mesmo místicas, tudo isso com um toque de sonoridade na delicadeza de seu estilo. A produção poética de Baudelaire manifesta o contraste entre modernidade e os valores da interioridade. Esse conflito gera um traço caracterizador de sua poesia, por isso elementos como a degradação, a provocação e a beleza são marcantes em todas as suas produções.

Mediante tudo isso, o poeta francês, tenta mostrar aos seus leitores que não a nada a se temer, para Baudelaire a única lei que o artista deve seguir à risca, é o seu próprio sentimento, ou seja, sua própria sensibilidade perante o mundo, sendo a liberdade, a condição indispensável para a produção artística e ao mesmo tempo a representação do belo.

Assim, esse novo sentimento que invade, pode até não pedir licença, mas seu impacto é crucial para o desenvolvimento não só externo mais interno do indivíduo, pois este agora passa de mero expectador para torna-se propulsor dessas mudanças exuberantes, e que por sua vez começa a descobrir novas sensações, dentre elas o vazio que se instala perante as imensas multidões. Baudelaire (1980, p. 40) em seu poema em prosa “As Massas” descreve muito bem esse sentimento, quando diz: - “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis pelo poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão também não sabe estar só no meio de uma multidão ocupadíssima”.

A respeito dessa chegada das multidões a cidade, o filósofo e ensaísta Walter Benjamin, fala sobre as novas paisagens que ajudaram a forjar cidade, como a extensão da casa, e que chega representar até mesmo o espelho da existência, As ruas são parte de um habitat familiar para o *flâneur*, lugar onde ele se constitui, absorve os elementos que lhe formam como poeta: a poeira das ruas, as vitrines, os espectros produzidos pelo reflexo dos vidros, o cheiro sintético da vida urbana, o barulho dos transeuntes, dos automóveis... “à rua como intérieur” (BENJAMIN, 2009, p.462).

Tais imagens são muito bem descritas no poema de Charles Baudelaire, Os Cisnes, este enviado no dia 7 de dezembro de 1859 a Victor Hugo enquanto estava exilado, que expõe ao seu amigo suas reflexões, meditações e seus pensamentos em forma de rimas, sobre a época, este que também está presente na Obra as *Flores do mal* (2012 p.108). O poema a seguir expressa a memória fértil do poeta, detalhe bem claro na primeira estrofe:

*Adrômaca, em vós penso! Esse rio de água turva
Desse simples espelho onde já resplendeu
A imensa majestade da dor de viúva,
O Simeonte mendaz que dos prantos se encheu,*

Já na oitava estrofe, na segunda parte do poema, que apresenta o sujeito poético dentro desse cenário de exílio, e melancolia, que vai expressar temas

fundamentais do fenômeno do moderno, quando alude a mudança da cidade. Observe o seguinte trecho:

*Paris muda! Mas nada na melancolia
Se alterou! Paços novos, andaimes e obras,
Velhos bairros, para mim é tudo alegoria,
E as recordações, pesam mais do que rochas.*

É possível demonstrar ao leitor também uma perspectiva intermediária entre a interpretação histórico-política e a psicanalítica, ao mostra o estado de espírito do Cisne, que é a metáfora do homem que sofre com as mudanças radicais da nova Paris de 1859, em um contexto de reformas, empreendida pelo Barão de Haussmann,⁴ então prefeito da cidade durante o segundo Império de Napoleão. Observe a Nona estrofe que retrata essa imagem ao citar:

*Assim, diante do Louvre, uma imagem me Oprime:
Penso no grande cisne e seus gestos sem jeito,
Tal como os exilados, grotesco e sublime,
E roído de anseio sem trégua! Então feito*

Para expressar o fenômeno da multidão e as figuras singulares que ela possui, e a incrível beleza efêmera que ela representa Baudelaire, fala sobre movimento, e a figura de uma mulher que anda pelas ruas e desperta um intenso desejo no eu lírico, que se aproxima, a um amor platônico no poema XCII- A uma passante (2012, p.115).

*A ensurdecadora rua em torno uivava.
Longa, esbelta, enlutada, uma dor majestosa,
Passava uma mulher, que com a mão faustosa,
O festão e a bainha erguia e balançava;
Ágil e nobre, com a perna escultural.
Eu sorvia, crispado como um bebereão,
Em seu olhar, céu lívido de furacão,
O dulçor que fascina e o prazer mortal.
Um raio... a noite cai! –Fugitiva beldade
Cujo olhar me causou um renascer dos dias,
Não te verei jamais, senão na eternidade?
Alhures, não aqui! Tarde! Talvez jamais!
Pois não sabes de mim, eu não sei aonde vais,
Ó tu que eu amaria, ó tu que o sabias!*

⁴ O famoso prefeito que construí a famosa Paris que inspirou Charles Baudelaire. Georges Eugène Haussmann prestou juramento como prefeito do Sena no dia 29 de junho de 1853. Sua nomeação para Paris tinha objetivo explícito de pôr em prática, as grandes e então desejadas obras de Napoleão III, e logo após a criação de um comitê não oficial formado por vereadores de sua escolha e assim suceder suas obras a seu bel-prazer, seu mandato representa claramente a forma política do regime bonapartista.

Como é possível notar, o poema retrata a modernidade, sobre uma visão subjetiva, ao propor uma nova forma de amor que é esse amor fugaz. Na frase da terceira estrofe que diz “Um raio... a noite cai! –Fugitiva beldade cujo olhar me causou um renascer dos dias, Não te verei jamais, senão na eternidade?” Baudelaire expressa assim que a modernidade é bela, mas ao mesmo tempo incerta, efêmera e fugaz. Tudo isso descreve o reflexo desse novo homem que está aprendendo a adaptar-se e a conviver com o incômodo da multidão, consequência da concentração da população nas zonas urbanas causada pelo êxodo rural.

Em suma, a força da poesia consegue permanecer ao longo do tempo, e Baudelaire percebeu esse fato, é que mesmo após sua morte sua descoberta ainda surtirá efeito. Por isso, este entendeu que era necessário algo capaz de abrir os olhos da sociedade, para que essa conseguisse sentir e entender as sensações do tempo presente. Portanto o poeta utilizou de seu talento poético para provoca a sociedade da época, mas não só isso, ele desvendou a vida encoberta por trás das modernas paisagens, ele foi sensível a dar sentimento às mudanças que aconteciam em meio ao alvoroço causados pelo novo, ele exprimiu a angústia de seu tempo, mas ao mesmo tempo demonstrou que ainda existia o belo, e que sempre vai existir, mas com uma nova mensagem sobre o que é a beleza dentro dessa modernidade.

2 O SENTIDO DE BELO E A NOVA MENSAGEM SOBRE A BELEZA

Baudelaire, quando faz da cidade de Paris, a matéria para compor sua poesia, percebe a artificialidade que compõe o ambiente, e utiliza o tempo presente como filtro embelezador, e características antes simples como a pressa, o movimento constante das pessoas nas multidões, as expressões faciais, as cores das roupas, criam para o olhar atento do observador uma beleza singular.

Ainda nesse contexto, as indumentárias possuem o papel de destacar o indivíduo, e atrair elogios, a realçar o que a de melhor no corpo humano, e por isso que ao passar dos anos elas foram evoluindo, desde mais pomposos até as mais sutis, e assim sucessivamente, a praticidade torna-se indispensável, a moda representa o novo, mas também representa o maravilhoso ato, que é aperfeiçoar elementos que já existem, e percebê-lo durante essa transformação. Movimento semelhante acontece nesta nova Paris descrita por Baudelaire, a cidade apesar de ser a mesma, seus elementos modernos como *boulevards*, as avenidas, os transportes e as multidões trouxeram uma nova essência, que somente o flâneur conseguiu apreciar.

Dentro da sociedade as mulheres são as mais afetadas por esse desejo incessante do novo, estas como já dizia Baudelaire em seu trabalho *Sobre A Modernidade*, quando apresenta o pintor da vida moderna, relata que a figura da mulher é a mais requisitada, mas ao demonstrá-la optam pela beleza artificial, pois sempre estão buscando mascarar seus defeitos, aproveitando das formas como essas mulheres se apresentam na sociedade que de como utilizam enfeites, maquiagens, roupas da moda, adereços, perfumes entre outros, como novos meios de se endear. Por isso elas são as figuras que vivem intensamente a modernidade, e Baudelaire observa essa transição, ressaltando em sua poesia que a mulher já não se mantém presa aos costumes, e que sua presença trás um ar diferente para essa nova fase social.

A mulher está perfeitamente nos seus direitos e cumpre até uma espécie de dever esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural; é preciso que desperte admiração e que fascine; ídolo deve dourar-se para ser adorada. Deve, pois colher em todas as artes os meios para elevar-se acima da natureza para melhor subjugar os corações e surpreender os espíritos. Pouco importa que astúcia e o artifício sejam conhecidos a todos de todos, se o sucesso está assegurado e o efeito é sempre irresistível (BAUDELAIRE 1996, p. 59).

Podemos perceber a admiração de nosso autor pela forma como ele descreve os novos traços femininos, em sua obra *Sobre A Modernidade* a mulher ganha mais exuberância e até torna-se uma espécie de ser sobrenatural, se aproveitando dos artifícios da modernidade para mostrar ainda mais sua potencialidade diante a sociedade, em seus escritos, as mulheres representam a perda da natureza, que surge como aspecto chave para a modernização, por sua vez trata de assuntos como a sexualidade das mulheres estas que são signos de sedução, tema muito presente em sua obra *As Flores Do Mal* que aborda a mulher andrógina, a lésbica, a prostituta, a mulher sem filhos, todas indicam novos temores e novas possibilidades, entre elas a virilidade da mulher que caracteriza a nova sociedade da metrópole.

Observe como Baudelaire descreve a irreverência da mulher, está que aparece como agente preferido do Diabo, na medida em que sua sedução se exerce sobre os sentidos. Na esteira do Romantismo, Baudelaire (2012, p.114) apresenta ainda, em sua obra *As Flores do MAL*, a dicotomia Mulher-anjo e Mulher-demônio, muito claro no trecho do seguinte poema *As Metamorfoses do Vampiro*.

*E, no entanto a mulher, com lábios de framboesa
 Coleando qual serpente ao pé da lenha acesa,
 E o seio a comprimir sob o aço do espartilho,
 Dizia, a voz imersa em bálsamo e tomilho:
 - "A boca úmida eu tenho e trago em mim a ciência
 De no fundo de um leito afogar a consciência.
 As lágrimas eu seco em meus seios triunfantes,
 E os velhos faço rir com o riso dos infantes.
 Sou como, a quem me vê sem véus a imagem nua,
 As estrelas, o sol, o firmamento e a lua!
 Tão douta na volúpia eu sou, queridos sábios,
 Quando um homem sufoco à borda de meus lábios,
 Ou quando os seios oferto ao dente que o mordisca,
 Ingênua ou libertina, apática ou arisca,
 Que sobre tais coxins macios e envolventes
 Perder-se-iam por mim os anjos impotentes!*

E nítido perceber essa ideia de sedução e sexualidade dada à mulher na poesia de Baudelaire, por isso ele surge como o primeiro de uma ilustre linhagem de rebeldes culturais, este que abriu as portas para uma nova forma de escrever, que aos poucos enfraqueceriam e parcialmente anulariam a tendência de ver a obscenidade e a blasfêmia como crimes perante os seus contemporâneos, enfatizando figuras como a mulher lésbica, que na época era temas proibidos e repudiados pela sociedade um exemplo claro é o poema *As Mulheres Malditas-Delfina E Hipólita* também no livro *As Flores do Mal* (p.97-100);

*À tibia luz das lamparinas voluptuosas,
Sobre sensuais coxias impregnadas de essência,
Sonhava Hipólita as carícias poderosas
Que lhe erguiam o véu da púbere inocência.*

Na primeira estrofe denuncia a ideia de um diálogo amoroso entre duas mulheres, principalmente pela descrição de um ambiente sensual, pelo uso de palavras que caracterizam a sedução presente entre as duas moças.

*Mas Hipólita então a fronte levantando
-“Não sou ingrata, e do que fiz não me arrependo,
Minha Delfina eu sofro, e minha dor vou definhando,
Como após um festim crepuscular e horrendo.*

Já na décima primeira estrofe, percebemos a sensação de insegurança e sofrimento, por uma das partes, que teme a reação daqueles que não entenderam o que ambas estão vivendo.

*Longe dos vivos, erradias, condenadas,
Correi rumo ao deserto e ali uivai a sós,
Cumprí vosso destino, almas desordenadas,
E fugir do inferno que trazeis em vós!*

Só nas estrofes finais Baudelaire mostra a ideia de aceitação à condenação do amor delas perante a sociedade, porém estas permanecem entregues aos deleites prazerosos que ainda podem viver naquele momento, pois essas são figuras da modernidade e por isso são desafiadoras.

Partindo da reflexão sobre o belo e essa nova mensagem sobre como se apresenta essa beleza, Baudelaire afirma que cada época possui a sua própria noção do que é atraente, e que a beleza ideal, se apresentar na satisfação presente na epocalidade, e por isso, a importância que se dar a representação do atual, na formação estética. A ênfase dada à época refere-se liberdade inventiva do artista ao apresentar seu cotidiano, sua noção de beleza deveria estar vinculada ao momento histórico do artista, cuja apreensão deve dar fugacidade do seu instante, movimento esse, que abrir portas para novas possibilidades, que atuam veemente na produção e principalmente no ato de apreciação daqueles que tiverem acesso as essas produções, a moda por sua vez, é um desses exemplos.

A moda, portanto, mesmo que por gravuras mostram seus personagens e o uso de trajes, tecidos, e cortes, que podem ser traduzidas como a representação do presente, ou seja, todas as representações de modas e visual seriam cativantes, cada uma delas constituindo um esforço novo, em representar sua epocalidade.

Baudelaire ver na artificialidade da moda um valor, pois às belezas inventadas, trazem uma nova mensagem, que instigava o indivíduo aflito e sempre insatisfeito, a seguir em frente, acrescentando ao invés de um ideal, novas ideias, ao invés do belo em si, mas uma beleza subjetiva aos seus gostos.

A necessidade de belos adornos é a marca da nobreza, é a manifestação primitiva da alma humana, o próprio Baudelaire (1996 p.09) diz que “A ideia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa franzida, ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços de seu rosto”. O homem acaba por querer assemelhar-se aquilo que gostaria de ser, a moda, portanto sinaliza o gosto ideal que o ultrapassa o natural, ou melhor, dizendo, como uma tentativa permanente e continuada de reforma da natureza.

Semelhante aos pintores que buscavam novas técnicas para expressar com precisão a essência de suas musas, segundo Gilles Lipovetsky (2009, p.83) os grandes estilistas por meio de suas coleções buscavam causar a mesma sensação, ao dizer “entre os grandes costureiros e sentirá que não está num magazine, mas na casa de um artista, que se propõe fazer de seu vestido um retrato de você mesma, e parecido”. Sendo assim, a captura de traços e elementos do presente, faz com que a moda seja o meio mais pura e visual do que é moderno, que a princípio carregava consigo a imposição estrita de um corte, cedeu lugar a Alta Costura, que abraçou a sedução da opção e da mudança, em especial nas mulheres que almejavam a metamorfose pessoal, do sonho do acordo efêmero do Eu íntimo e da aparência exterior.

Diante disso, A alta Costura em seu caráter superficial, traz uma ideia disciplinar, uma espécie uniformização, muito embora, seu intuito é o contrário, pois ela acrescenta a diversidade, que busca sublinha as individualidades pessoais, e valorizar originalidade, em uma simples vestimenta o estilista busca acrescentar a essência daquele que vai usá-lo psicologizando o estilo, a mais pura representação do que seria um pintor da vida moderna, expressa na poesia do próprio Baudelaire a descrição melhor do que é ser moderno, e do que se trata a modernidade. Sua forma impactante e ao mesmo tempo delicada possibilitou ao indivíduo perdido em meio à multidão uma luz, que o fizesse se encontrar enquanto pertencente aquele ambiente.

A respeito dessa estreita relação entre o poder dos trajes como uma das formas de representação de uma cultura, e a necessária sensibilidade de Guys o pintor da vida moderna ao registrar esses detalhes em seus croquis, o poeta alude que:

Assim ele vai, corre, procura. O quê? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples *flâneur*, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade; pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório. Se lançarmos um olhar a nossas exposições de quadros modernos, ficaremos espantados com a tendência geral dos artistas para vestirem todas as personagens com indumentária antiga. Quase todas se servem das modas e dos móveis do Renascimento, como David se servia das modas e dos móveis romanos. Há, no entanto, uma diferença, pois David, tendo escolhido temas especificamente gregos ou romanos, não podia agir de outra forma senão vesti-los à moda antiga, enquanto os pintores atuais, escolhendo temas de uma natureza geral que podem se aplicar a todas as épocas, obstinam-se em fantasiá-los com trajes da Idade Média, do Renascimento ou do Oriente. Evidentemente, é sinal de uma grande preguiça; pois é muito mais cômodo declarar que tudo é absolutamente feio no vestuário de uma época do que se esforçar por extrair dele a beleza misteriosa que possa conter, por mínima ou tênue que seja (BAUDELAIRE 1996, p.23-24).

A respeito disso Peter Gay (2009) diz que Baudelaire exaltava as ilustrações de Guys, pois esse se distinguia por procurar a beleza da época, pois os artistas acadêmicos se detinham no passado e trocavam a “beleza particular”, a “beleza das circunstâncias” pelo amor a “beleza geral”. O ato de registrar a beleza do efêmero, os “encantos da vida elegante de Paris”, feito por Guys o pintor da vida moderna instigava admiração ao atual, e por isso o modernismo floresceu principalmente nas grandes cidades, pois era preciso se destacar a individualidade em meio ao movimentado e ao coletivo.

A moda sem mais delongas é a nova organização do efêmero, tornou-se uma figura particular do novo, a representação das sociedades burocráticas modernas, desde o século XX tornou-se o principal símbolo de democratização da individualidade, em sua visão mais crua, aparenta superficial e massificada, mas em seu contexto histórico é a mais bela representação de personalidade, muito embora sirva para traçar e organizar a ideia de gostos serve para revolucioná-la e quebrar tabus. Pois as indumentárias que têm não só a função de cobrir os corpos e realçar os pontos mais fortes como também representar um estilo de vida, em sua

individualidade ela representa uma história que acontece simultaneamente ao novo, e a mais perfeita personificação do presente.

2.1 A Moda: o verdadeiro espírito contemporâneo

O filósofo contemporâneo Gilles Lipovetsky (2009), fala sobre a moda como um fator crucial para se entender a modernidade, deixando bem claro que “no filme acelerado da História moderna, dentre todos os Roteiros, o da Moda é o menos Pior” desse modo alega que ainda que a moda seja estereotipada como simples manifestações das futilidades das épocas, e que por isso seja caracterizada como efêmera, não quer dizer que está, não tenha relevância para a modernidade e ele argumenta que nela é somente através dela, é possível notar as características sócio históricas da sociedade. Pois é por meio dessas manifestações que embora contíguas que a modernidade se apresenta.

[...] A moda não pode ser identificada à simples manifestação das paixões vaidosas e distintas; ela se torna uma instituição excepcional, altamente problemática, uma realidade sócio-histórica característica do Ocidente e da própria modernidade. Desse ponto de vista, a moda é menos signo das ambições de classes do que saída do mundo da tradição, é um desses espelhos onde se torna visível aquilo que faz nosso destino histórico mais singular: a negação do poder imemorial do passado tradicional, a febre moderna das novidades, a celebração do presente social. (LIPOVETSKY, 2009, p. 11).

A própria palavra moda vem do francês *mode*, que no português significa “A tendência de consumo da atualidade”. Em alguns sites de busca, a exemplo a Wikipédia, diz que “A moda é composta de diversos estilos que podem ter sido influenciados sob diversos aspectos. Acompanha o vestuário e o tempo e que se integra ao simples uso das indumentárias no dia a dia.” É possível notar em uma simples pesquisa, a nítida relação que a moda possui com o tempo, embora suas formas sejam passageiras, e os gostos pelas texturas mudem ainda sim ela estará eternamente presente, atiçando o desejo pela nova tendência. Assim a moda se renova, enaltecendo sempre o presente, o belo e o contemporâneo.

Modernidade da moda: a questão merece aprofundamento. De um lado, com efeito, a moda ilustra o ethos de fausto e de dispêndio aristocrático, nos antípodas do espírito moderno burguês consagrado à poupança, à previsão, ao cálculo; está do lado da irracionalidade dos prazeres mundanos e da superficialidade lúdica, na contracorrente do espírito de crescimento e do desenvolvimento do domínio da natureza. Mas, por um outro lado, a moda faz parte estruturalmente do mundo moderno em devir. Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas que procede da decisão e do puro desejo

humano. Antes de ser signo da desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (LIPOVESTSKY, 2009, p.29).

Apesar de ser um fenômeno social de considerável oscilação, Segundo Lipovestky a moda, ainda se encaixa em um ponto de vista histórico abrangente, à estabilidade e à regularidade de seu funcionamento contínuo. Não obstante, ela engatinhou durante muitos séculos à surdina, apenas em um grupo minoritário, mas teve sua fase inaugural com ritmo precipitado e com suas frivolidades fantasiosas no século XIV, no qual passou pelo estágio artesanal e aristocrático, servindo para grupos mais restritos que monopolizavam o poder de iniciativa e criação, até a metade do século XIX em que ganhou mais notoriedade com seu ritmo precipitado entre as massas, dando início a qual conhecemos atualmente. Desde então, a moda instalou-se de maneira sistemática e durável.

A moda moderna caracteriza-se pelo fato de que se articulou em torno de duas indústrias novas, com objetivos e métodos, com artigos e prestígios sem dúvida nenhuma incomparáveis, mas que não deixam de formar uma configuração unitária, um sistema homogêneo e regular na história da produção das frivolidades. A Alta Costura de um lado, inicialmente chamada Costura, a confecção industrial de outro — tais são as duas chaves da moda de cem anos, sistema bipolar fundado sobre uma criação de luxo e sob medida, opondo-se a uma produção de massa, em série e barata, imitando de perto ou de longe os modelos prestigiosos e griffés da Alta Costura. Criação de modelos originais, reprodução industrial: a moda que ganha corpo se apresenta sob o signo de uma diferenciação marcada em matéria de técnicas, de preços, de renomes, de objetivos, de acordo com uma sociedade ela própria dividida em classes, com modos de vida e aspirações nitidamente contrastados. (LIPOVESTSKY, 2009, p.62).

A moda por si só, não é mais um simples enfeite estético, ou um acessório decorativo da vida coletiva; mas a base que envolve o sujeito contemporâneo. Por isso para Gilles Lipovestky a moda consolidou seu curso histórico, chegando ao topo de seu poder, conseguindo moldar, ou melhor, dizendo, remodelar a sociedade a sua imagem, atraindo a princípio uma classe minoritária, para mais tarde atingir seu apogeu abarcando as massas, influenciando as classes e dando ascensão a seu império, dando significado valorativo as suas tendências.

Tendo isso em vista, Lipovestky menciona que é possível notar que a sociedade moderna é marcada por uma intensa valorização das imagens, foi ela que trouxe uma expansão da beleza estética em diversas áreas da atividade humana, a

moda⁵ por ser uma delas, é percebida e mostrada como expressão do desejo do novo, expressada pelas mudanças e transformações que desconstroem os velhos hábitos, buscando novas formas estéticas, experimentais e inovadoras para o estabelecimento de novas possibilidades de identificação, ela se apresenta enquanto um fenômeno de afirmação da individualidade e da sociedade, e, sobretudo, como uma manifestação que define modos de existência, gostos, valores e atitudes a serem seguidas, a exemplo da rivalidade entre as classes sociais, que no princípio as superiores utilizavam a moda e seu caráter ostentatório, afim de atrair a estima e a inveja dos outros, e se distinguir, através da elegância e da beleza.

Nessa trajetória da modernidade, como se apresenta o belo no meio dessas várias manifestações de imagens? E se a moda é tão importante o belo nada é?

[...] O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja qualidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que a será, se quisermos, sucessiva, combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão. (BAUDELAIRE, 1996, p. 10).

Partindo de tais questionamentos Baudelaire destaca em sua obra *Sobre a Modernidade*, que o belo só pode consolidar-se como absoluto perante a sociedade moderna, através de alguns fatores determinantes sendo eles à época, a moral, a paixão, e por fim a moda. Sendo o motivo principal para essa afirmação, a síntese de que na modernidade é necessário influências para que algo seja de todo considerado belo independente de sua natureza, é preciso ser difundido para tornar-se eterno, desse modo o belo e a moda agem de maneira conjunta e não antagônicas. Por isso é possível intender a que a moda como um significado intrínseco condicionado a sociedade, um fenômeno nada sutil e já manifesto.

A ordem de dois patamares da moda não se instituiu em função de um projeto explícito nem em um tempo inteiramente sincrônico. A confecção industrial precedeu o aparecimento da Alta Costura. Desde os anos 1820 instala-se na França, à imitação da Inglaterra, uma produção de roupas novas, em grande série e baratas, que conhece um verdadeiro impulso depois de 1840, antes mesmo da entrada na era da mecanização com a introdução da máquina de costura por volta de 1860. À medida que se implantam os grandes magazines, que as técnicas progridem, que diminuem os custos de produção, a confecção diversifica a qualidade de seus artigos, dirigindo-se à pequena e média burguesia. Após a guerra de

⁵“[...] O mistério da moda está aí, na unicidade do fenômeno, na emergência e na instalação de seu reino no Ocidente moderno, e em nenhuma outra parte. Nem força elementar da vida coletiva, nem princípio permanente de transformação das sociedades enraizado nos dados gerais da espécie humana, a moda é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade. Não é invocando uma suposta universalidade da moda que se revelarão seus efeitos fascinantes e seu poder na vida social, mas delimitando estritamente sua extensão histórica.” (LIPOVESTSKY, 2009, p.23).

1914, a confecção se transforma profundamente sob o efeito de uma maior divisão do trabalho, de um maquinismo mais aperfeiçoado e dos progressos da indústria química, que permitem obter coloridos mais ricos e, a partir de 1939, novos têxteis à base de fibras sintéticas. Mas a despeito desses progressos, a organização da moda permanece inalterada; todas as indústrias permanecendo, até os anos 1960, dependentes dos decretos da Alta Costura (LIPOVESTSKY, 2009, p.63).

Lipovestsky destaca sua expansão por meio do mercado da Alta Costura, se apoiando na imposição constante de novidades, e atração feminina pelas novas modelagens, a moda disseminou-se e como fenômeno de amplitude central no ocidente. implantou com seus truques psicológicos e foco ao subjetivo de seu público, desejos e vontades, se apresenta hoje como uma dimensão que permeia todas as esperas da sociedade, define comportamentos, daí a necessidade de compreendermos seus ícones e símbolos, sua influência sobre a cultura, a arte, e principalmente a constituição das personalidades.

2.2 Modismos: os estereótipos

Sociedades ditas contemporâneas são marcadas por uma intensificação do culto ao corpo, os indivíduos para se encaixarem no modelo considerado belo, buscam a utilização de vários ornamentos e enfeites para disfarçar suas imperfeições, esses acessórios são características das tendências servem como direcionamento para a beleza almejada, embora essa preocupação com a imagem às vezes seja exacerbada, são elas que possibilitam a porta de entrada para o mundo moderno.

[...] A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem; [...]. (LIPOVETSKY, 2009, p.13).

O modismo por sua vez, é uma forma de extensão visual do ser humano, que desperta desejos e os demonstra de diversas formas. Assim, para ser considerada dentro dos padrões, deve ser usado e copiado por muitos, embora muitas vezes essa ideia acabe tornando-se um fator prejudicial ao indivíduo. Baudelaire (1996, p.09) diz em sua obra “o homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser” por esse motivo o que verdadeiramente importa é a satisfação, mesmo que esta seja advinda de um desejo efêmero.

Partindo dessa perspectiva é possível notar que as influências que sofremos não vêm somente do que está ao nosso redor, está sobreposta para além do tempo é algo ahistórico. A preocupação com o perfeito e a beleza acompanha a humanidade desde os primórdios as artes modernas são a prova dessa afirmação sendo ela constantemente impulsionada pela valorização das imagens, seja nos traços, seja nos conceitos, o que importa é perfeição. Lipovestsk ressalta que a moda está vinculada a nossa vida desde sempre, não somente vestir, mais tudo o que nos traga desejo de possuir, ou viver, a sociedade em si, é alimentada por essa sedução, sendo a chave do comércio moderno.

Pode-se caracterizar empiricamente a “sociedade de consumo” por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista e materialista etc. Mas, estruturalmente, é a generalização do processo de moda que a define propriamente. A sociedade centrada na expansão das necessidades é, antes de tudo, aquela que reordena a produção e o consumo de massa sob a lei da obsolescência, da sedução e da diversificação, aquela que faz passar o econômico para a órbita da forma moda. “Todas as indústrias se esforçam em copiar os métodos dos grandes costureiros (LIPOVETSKY, 2009, p.135).

A alta Costura para foi o pontapé inicial, mas é por intermédio do modismo que se é possível identificar à natureza de cada época, os trajes, as atitudes. Os gostos musicais todos esses detalhes montam a identidade de cada período, o mais curioso é que em meio ao coletivo é possível identificar o particular histórico. Entretanto para além dos estereótipos fúteis que se caracterizam pelo modismo, ele também exprime o novo, é na sua essência que surge a vontade da mudança às chamadas tendências, sendo estas os motores da modernidade, graças a essa sociedade que mantém centrada na expansão das necessidades e satisfação de seus desejos.

Desse modo, a aparência é o desejo de mostrar-se similar a um modelo desejável (parecer) e, sobretudo, de manifestar-se diante do outro (aparecer). Funciona como uma camuflagem ou maneira superficial de se apresentar publicamente, parecendo verdadeira ou ocultando a essência do ser sob essa camada externa. Por esses motivos a moda, atualmente, vive seu apogeu em uma sociedade dominada pela efemeridade, sendo o símbolo máximo da renovação e da ânsia de consumo de novos produtos, ou seja, a moda é intrínseca à vida de toda a sociedade.

Desde o século XX, que os fabricantes apostam na elaboração de mercadorias sobre os princípios inaugurados pela Alta Costura, que se baseiam na variação regular e rápida das formas, a multiplicação dos modelos e séries e a obsolescência. O que antes era apanágio de luxo do vestuário tornou-se o próprio núcleo das indústrias de consumo, a ordem burocrático-estética conduz a economia consumidora impulsionada pela sedução, nas palavras de Lipovetsky (2009, p. 136) “É a regra do efêmero que governa a produção e consumo dos objetos”.

2.3 Sedução: a construção da cultura moderna

Lipovetsky em seu livro o império do efêmero dedica um capítulo sobre a sedução, e de como a indústria leve é uma indústria estruturada pela moda, onde determina essa estratégia, como um elemento de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade contemporânea, principalmente no modo como ela reage aos desejos impostos, e fundamentalmente como a moda influencia nessas atitudes.

[...] A oferta e a procura funcionam pelo novo; nosso sistema econômico é arrastado numa espiral onde a inovação grande ou pequena é rainha, onde o desuso se acelera: certos especialistas em marketing e inovação podem assegurar que, em dez anos, 80 a 90% dos produtos atuais estarão desclassificados, serão apresentados sob uma forma nova e em uma nova embalagem (LIPOVETSKY, 2009, p. 185).

Ao longo de seu texto relata o modo de produção da era tecnológica, onde se é produzido vários produtos para todos os gostos, compostos de muitas funções, embora o indivíduo contemporâneo se maravilhe apenas com aqueles visto como última geração, e mesmo que esse seja, repleto de funções semelhante com as que os produtos anteriores possuam, o desejo pela novidade causa uma espécie de cegueira, acarretando uma falsa necessidade, mas isso não é de todo ruim, Lipovetsky (2009, p.141) alude que “Qualquer que seja o gosto contemporâneo pela qualidade e pela confiabilidade, o sucesso de um produto depende em grande parte de seu design, de sua apresentação, de sua embalagem e acondicionamento.” Desse modo podemos entender como apenas o reflexo da radicalidade imposta pela moda sobre o subjetivo do consumidor.

Então o que é moderno já que existem tantas opções? O que é a modernidade, nessas circunstâncias? Relembrando o que disse Baudelaire, embora

o mundo esteja cercado de coisas novas, só aquelas que estiverem envolvidas pelo modismo poderão causar desejos nos indivíduos ao passo que é visto e copiado, embora aconteça de repente e não seja planejada. Nesse contexto o presente é transitório, efêmero é o contingente, ou seja, o presente nada mais é que a modernidade, portanto ela não é feita ela é fruto do acaso, sendo este acaso denominado como moda, sendo a moda é o elemento fundador da modernidade.

Deve-se superar a vituperação moralizante contra a moda; para além de sua irracionalidade e de seu desperdício aparente, ela contribui para uma edificação mais racional da sociedade porque socializa os seres na mudança, preparando-os para a reciclagem permanente. Abrandar as rijezas e as resistências, a forma moda é um instrumento de racionalidade social, racionalidade invisível, não mensurável, mas insubstituível para adaptar-se rapidamente à modernidade, para acelerar as mutações em curso, para constituir uma sociedade armada em face das exigências continuamente variáveis do futuro. O sistema consumado da moda instala a sociedade civil em estado de abertura diante do movimento histórico, cria mentalidades desentrevadas, de dominante fluida, prontas em princípio para a aventura deliberada do Novo. (LIPOVETSKY, 2009, p. 151).

E assim então surge outro questionamento, como o acaso torna-se um elemento da moda? o que faz uma sociedade converter-se a moda? É preciso ser claro, se por um lado, a moda é fruto do acaso, por outro ela é repleta de estratégias, a sedução do novo é uma ferramenta importante, mas a praticidade e o desuso sistemático dos objetos atualmente, esse sim é de extrema importância. tanto vestir-se como o consumo em geral tornar-se sinônimo de bem-estar, e a sociedade industrial possui inúmeros projetos, que traçam as possibilidades dos mais variados gostos, o que chamamos de tendências, e as divulgam pelos meios midiáticos, não vendendo objetos, mas estilos de vida a serem adotados.

É preciso também destacar que ninguém sabe o que vai se tornar artigo de moda, justamente pela competição do mercado, e por isso as indústrias tentam fazer acontecer, vão criando opções e esperam serem aceitas e incorporadas, as tendências tornam-se características essenciais na produção e ao consumo de massas, esses jogos de marketing atizam o lúdico do público.

Entretanto a moda concreta que é a força motriz do moderno, é basicamente os diferentes aspectos da existência, são as determinadas inclinações estéticas de uma época, ou de uma comunidade, ela se molda principalmente pela vontade do indivíduo.

Nessa perspectiva, embora a moda seja fruto do acaso, as indústrias tentam por meio das tendências anteciparem o que vai ser sinônimo de desejo, o que vai

ser símbolo de mais moderno, seja ele na alta costura ou as tecnologias, Vivemos em uma era de seguidores, então a própria estrutura industrial tenta controlar a moda, em outras palavras o futuro da modernidade, o vestir, o que se deve comer, onde morar, o que usar etc. então se por um lado exista o acaso por que é impossível controlar tudo que acontece em uma determina cultura, ainda sim existem técnicas, a exemplo das tendências, artifício da indústria que de forma bem objetiva faz definir o que é modernidade.

Apesar de Baudelaire criar um conceito para explicação da modernidade e exaltar a beleza, dentro das novas estruturas modernas, jamais poderia prever uma Indústria da beleza, que impõe padrões a serem alcançados. O florescimento do acaso, tão admirado pelo poeta abriu passagem para as minuciosas pesquisas estatísticas dessas indústrias para manter sobre sua custódia o domínio da moda, e com isso o alcance do maior número de consumidores.

Do mesmo modo a sociedade reage a determinadas atitudes a moda o modismo são elementos que não surgem como elementos uniformizadores, da sociedade, eles servem como uma preparação do sujeito para socializar as mudanças, com foi dito mesmo na geração das multifunções o considerado atual sempre será bem-visto e desejado, mas sim como a identidade da sociedade contemporânea, pois estes se expressam por meio de seus gostos e vontades, como uma espécie de ação e reação.

Com a incorporação sistemática da dimensão estética na elaboração dos produtos industriais, a expansão da forma moda encontra seu ponto de realização final. Estética industrial, design, o mundo dos objetos está doravante inteiramente sob o jugo do estilismo e do imperativo do charme das aparências. O passo decisivo nesse avanço remonta aos anos 1920-1930 quando, após a grande depressão nos EUA, os industriais descobriram o papel primordial que podia ganhar o aspecto externo dos bens de consumo no aumento das vendas: good design, good business. Impôs-se cada vez mais o princípio de estudar esteticamente a linha e a apresentação dos produtos de grande série, de embelezar e harmonizar as formas, de seduzir o olho segundo o célebre slogan de R. Loewy: "A feiura vende mal". (LIPOVETSKY, 2009, p. 151).

Diante disso, Lipovetsky diz a questão da moda não está mais pautada no consumo conspícuo na qual se originou no fim da idade média, onde utilizava estratégias de distinção entre as classes, agora representa uma nova relação de si com os outros, do desejo de afirmar uma personalidade própria, essa vontade de exprimir uma identidade pessoal, no meio das variedades, forma uma espécie de "celebração cultural da identidade". Em suma, Houve aí uma revolução na

representação das pessoas e no sentimento de si, modificando profundamente as mentalidades e valores tradicionais, desencadeando a exaltação da unicidade dos seres e a promoção social dos signos da diferença pessoal.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma breve análise de como o então chamado “poeta maldito”, Charles Baudelaire, passou a ser um importante representante da estética contemporânea. Em suas poesias e críticas engendrou os elementos necessários para a construção de uma cultura moderna, e diferente de muitos notou que o período em que vivia era repleto de esplendor e merecia ser lembrado, a modernidade verbalizou as inúmeras mudanças estruturais que ocorriam em todos os âmbitos, sejam acadêmicos, políticos, individuais ou sociais. Seu olhar atento concebia a modernidade como uma relação específica com o presente, concebia-a como nova forma de relação que o indivíduo deve construir consigo mesmo.

Sua atitude de reverenciar as ambiguidades da vida moderna, de celebrar a figura do *flaunêr* como o grande contemplador, deu ao indivíduo moderno um exemplo e, também, uma lição de não só aprender a relacionar-se consigo mesmo, como também de se reinventar em seu tempo, pois os diversos avanços que aconteciam ao seu redor deveriam adquirir uma expressão artística. Charles Baudelaire foi uma figura ímpar, nada escapou das críticas desse poeta no que concerne ao mundo das artes e culturas de sua época.

Com sua irreverência e coragem expressa por meio de sua poesia, conseguiu trazer clareza a uma sociedade confusa e cega às suas próprias qualidades, embora incompreendido em sua época, seu ato deu oportunidade aos artistas censurados, o que possibilitou uma leva de possibilidades para as criações em todos os campos artísticos. Desse modo o artista/pensador iluminou a escuridão artística, ao romper com o cânon clássico, e preparou terreno para aflorar de um pensamento moderno.

Diante disso, a autoconsciência do poeta, referente aos estudos estético-conceituais, conseguiu de maneira impressionante identificar na cidade de Paris do século XIX, um fenômeno que não só influenciaria o mundo todo, mas também que marcaria a concepção de indivíduo que vivia solitário em meio à multidão, essa complexa relação do indivíduo com a ampla heterogeneidade e multiplicidade de sentidos foi o ponto crucial para se entender essa era da modernidade.

Berman (1981, p. 138) ao falar da trajetória do poeta alude que “Algo que distingue radicalmente Baudelaire de seus precursores românticos e de seus sucessores simbolistas e contemporâneos reside no fato de que ele sonha e se inspira no que ele vê”. Desse modo preparou o caminho para muitos novos artistas,

pois foi pioneiro na disseminação da ideia de que a obra de arte não deve apenas conter a mais perfeita técnica, pois a obra de arte vai muito além, ela deve trazer na sua elaboração, as marcas do novo, enquanto realização do presente, enquanto expressão das forças que constitui a dinâmica da vida presente, em sua forma deve apresentar traços condizentes e coetâneos ao seu tempo.

Baudelaire ressignificou o sentido de Belo e exaltou a Beleza, dentro das novas estruturas modernas, e enfatizou que o belo só pode consolidar-se perante a sociedade moderna por meio de alguns fatores determinantes sendo eles à época, a moral, a paixão, e por fim a moda. Dessas ideias à moda merece espaço de destaque, pois envolvem questões mais abrangentes, sendo um poderoso instrumento de análise social capaz de traduzir, ou até mesmo indicar, os rumos que toma a sociedade contemporânea. Esta que através de seus produtos efêmeros, influencia sentimentos eternos principalmente nas atitudes individuais, um exemplo simples é o desejo de possuir, e as pesquisas que partem das teorias da moda que buscaram explicá-la não mais como um critério estabelecido na divisão de classes sociais e sim como algo mais abrangente.

Assim é coerente entender a moda e o modismo como algo que apresenta um evento contínuo em sua efemeridade, de suma importância, pois a sedução é um artifício que impulsiona as mudanças em todos os âmbitos sociais, e suas tendências que garantem o funcionamento dos motores da modernidade.

Diante disso, mesmo que a moda e o modismo estejam associados a manifestações estéticas temporárias, entretanto, a sua “facilidade de mudar” é o que a torna um dos elementos construtores da modernidade. a moda e o modismo funcionam como um verdadeiro dispositivo social capaz de refletir as muitas facetas do comportamento humano e apontar futuras mudanças. A moda e o modismo, assim, podem ser vistos como uma forma de expressão da individualidade e da variedade dos estilos de vida.

O próprio Lipovestky (2009, p. 14) alude que “A moda não pode ser identificada à simples manifestação das paixões vaidosas e distintivas; ela se torna uma instituição excepcional, altamente problemática, uma realidade sócio-histórica [...]”. A moda é a nova organização do efêmero, é a representação das sociedades burocráticas modernas, tornou-se o principal símbolo de democratização da individualidade, e ao mesmo tempo uniformização da massa anônima urbana.

Além de traçar e organizar a ideia de gosto, serve para revolucioná-lo e quebrar tabus. Em suma, a moda possui inúmeros artifícios a exemplo as indumentárias que têm não só a função de cobrir os corpos e realça os pontos mais fortes como também representar um estilo de vida, em sua individualidade ela representa uma história que acontece simultaneamente ao novo, e nos pequenos detalhes que a moda se torna a mais perfeita personificação do presente.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade o Pintor da Vida Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. **Le Spleen de Paris: pequenos poemas em prosa**. Porto Alegre,RS: L&PM,2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da Modernidade**. Nova Iorque: s/Ed, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: EditoranUFMG, 2009.

FREIBERGER Caron, Caroline. **Influência da Moda da Ditadura da Beleza Feminina**. Disponível em: < <http://www.fiepr.org.br> › uploadAddress › moda > Acesso em: 29\01\2022.

GAY, Peter. **Modernismo: o fascínio da heresia: Baudelaire a Berckett e mais um pouco/ tradução Denise Bottmam**. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade Pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

LIPOVETSKY. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia de letras, 2009.

MIRANDA, Dilmar. **Estética e Poética da Modernidade em Charles Baudelaire**. Disponível em: < <https://www.gewebe.com.br> > Acesso em: 29\01\2022.

STUART DA SILVA, Priscilla. **O Flâneur E As Passagens Parisienses: no limiar entre o real e o onírico**. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br> › article › download > Acesso em 18\12\2021.